

## A CISTA DO GORGOLÃO (VILA DA PONTE – MONTALEGRE)

Maria Antónia Silva\*

O Património Arqueológico, devido à sua especificidade, é-nos dado a conhecer, na maior parte dos casos, através de achados fortuitos. A sua divulgação está patente nas notícias que os *mass media* veiculam quase todos os dias. Torna-se, portanto, extremamente difícil registar todas as descobertas, se não contarmos com a preocupação das populações, nomeadamente, com os elementos que saem das Universidades, sensibilizados com o destino do nosso património e que, por motivos profissionais, se distribuem pelos diferentes pontos do nosso país e, ao contactarem com determinadas situações, reagem numa atitude de alerta. Assim aconteceu com o achado do Gorgolão, que nos foi revelado por Maria Manuela Barroso<sup>(1)</sup> e que, logo após ter dele conhecimento, prontamente nos transmitiu a informação, apelando para a necessidade de se proceder a um registo.

De facto, depois de nos ter facilitado algumas notícias divulgadas na imprensa local<sup>(2)</sup>, despertou-nos, imediatamente, para a importância da descoberta. Decidimos ir ao local onde observamos directamente os vestígios.

O trabalho de campo foi apoiado pela Câmara Municipal de Montalegre, através do Vereador do

Pelouro da Cultura, a quem desde já apresentamos os nossos agradecimentos, que consciente da relevância do achado e da necessidade da realização de um estudo e divulgação nos meios científicos, prontamente acedeu em dar-nos todo o apoio logístico.

A cista localiza-se no lugar da Portela do Gorgolão, mais correntemente conhecido apenas por Gorgolão, freguesia de Vila da Ponte, concelho de Montalegre, distrito de Vila Real, junto à actual estrada N103 ao Km 112 no sentido Chaves — Braga (Fig.1)<sup>(3)</sup>.

Está implantada a 760 m de altitude, num pequeno promontório da margem esquerda do rio Regavão<sup>(4)</sup>, zona acidentada, no enquadramento dos contrafortes da Serra do Barroso, cujas coordenadas geográficas dos Serviços Cartográficos do Exército, folha 45, à escala 1:25.000 são:

Longitude E. Lx. 0°52'14"

Latitude N. 41°43'9"

Geologicamente, o lugar do Gorgolão insere-se numa estratigrafia e orogenia com características Ante-Hercínico, datáveis do Paleozóico e Silúrico e de rochas eruptivas, hercínicas, granitoides antevestefalianos — Granitos alcalinos<sup>(5)</sup>.

(\* ) Docente do Departamento de Ciências Históricas da Universidade Portucalense — Infante D. Henrique.

Expresso a minha gratidão ao senhor Prof. Doutor Armando Coelho Ferreira da Silva por todo o apoio e orientação dada.

<sup>(1)</sup> Licenciada em Ciências Históricas pela Universidade Portucalense — Infante D. Henrique, a quem desde já apresentamos os nossos agradecimentos por todas as informações fornecidas e simpatia com que nos acompanhou durante os contactos de campo.

<sup>(2)</sup> Manuel Baptista, Importante achado Pré-Histórico em Vila da Ponte, *Correio do Planalto*, Ano XIX, n° 359, 31 de Janeiro, 1994, 1; s/a, Vila da Ponte. Achado Histórico, *O Povo de Barroso*, Ano 3, n° 76, 15-03-94, 1994, 1.

<sup>(3)</sup> Esta kilometragem foi verificada no terreno, pois, parte da actual estrada não corresponde à traçada na carta militar, a qual indica a estrada antiga, que passava, obrigatoriamente, pelo centro da aldeia de Vila da Ponte. Neste caso, a cista está implantada entre o quilómetro 113 e 114 no sentido de Braga — Chaves.

<sup>(4)</sup> Topónimo reconhecido pela população local e não Rabagão como é referido na carta militar 1:25.000, n° 45.

<sup>(5)</sup> Atlas do ambiente — Carta geológica, 1:1.000.000, Comissão Nacional do Ambiente.

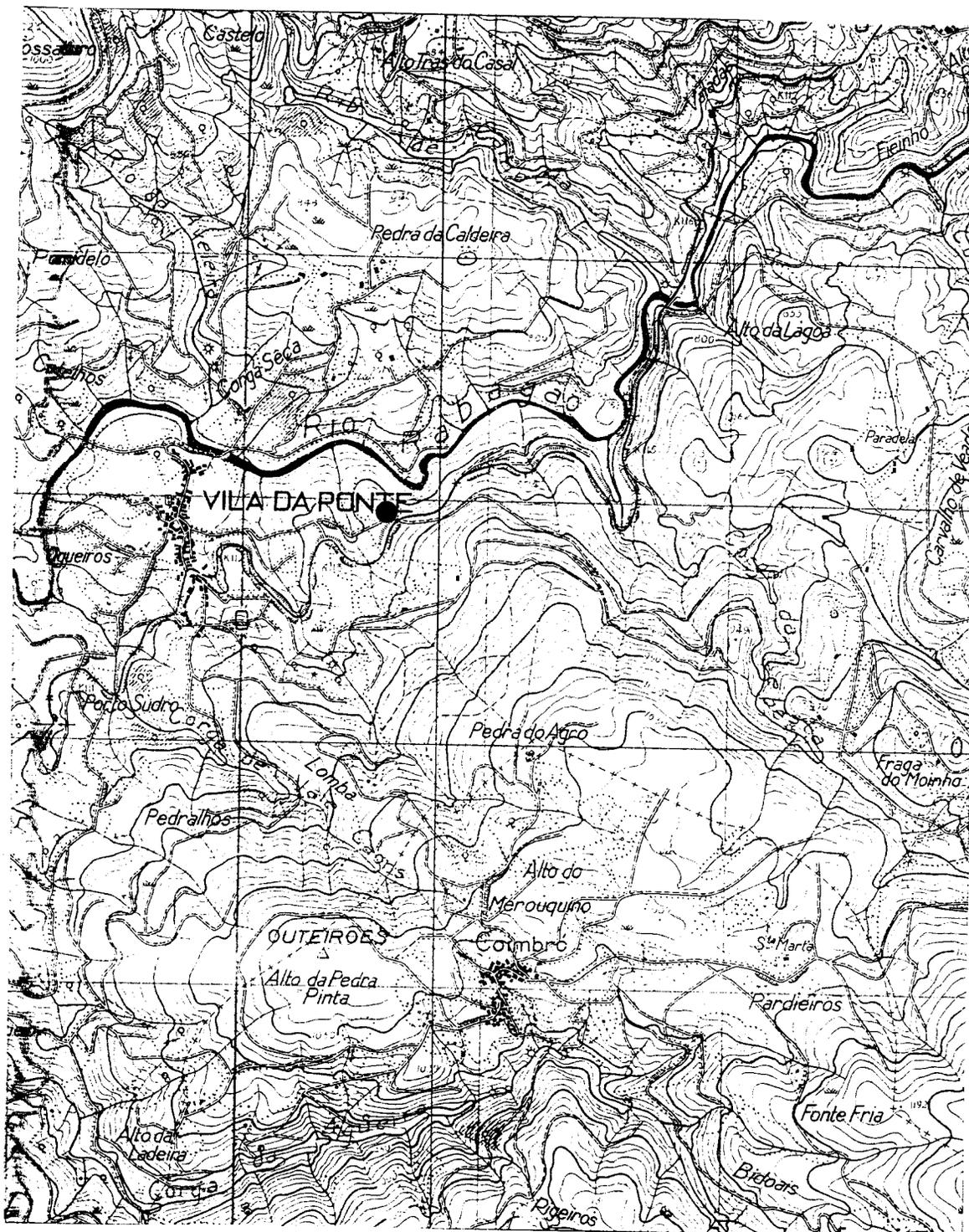


Fig. 1 — Localização da Cista do Gorgolão (Vila da Ponte – Montalegre). Carta dos Serviços Cartográficos do Exército, Esc. 1/25.000, folha nº 45.

Na região pratica-se uma agricultura de subsistência, sendo a maior parte dos terrenos incultos ou de utilização florestal com povoamento de resinosas<sup>(6)</sup>.

Na segunda quinzena do mês de Janeiro de 1994, quando uma máquina procedia à abertura de uma vala para a construção de uma piscina e respectiva canalização, nos terrenos envolventes à casa de Germano Rodrigues<sup>(7)</sup> de Vila da Ponte (Est.1.1), foi detectada uma “caixa”, a cerca de 30 cm de profundidade, orientada no sentido NO/SE, composta por grandes lajes de granito<sup>(8)</sup>.

Depois, com algum cuidado, foram levantando a tampa e no seu interior, com alguma terra, encontraram um vaso cheio de terra fina e escura, depositado na extremidade voltada para NO, do lado direito (Fig.2)<sup>(9)</sup>.

Perante a situação, os proprietários do terreno recolheram o vaso e com receio que a descoberta arqueológica viesse a ser um obstáculo à continuidade das obras, desmontaram, de seguida, as lajes e arrastaram-nas para um canto do terreno.

Ao que tudo indica, o senhor Germano Rodrigues, pretende reconstruir a “caixa” e colocá-la em local visível aos viajantes e clientes do seu futuro restaurante, funcionando como elemento atractivo e publicitário<sup>(10)</sup>, pretensão apoiada por parte da população local.

Saliente-se que este achado não é o primeiro no lugar do Gorgolão; já em 1931 João Balbina, hoje com cerca de 90 anos, encontrou uma cista com três vasos que ofereceu, na altura, ao pároco da freguesia, Padre Manuel José Afonso Baptista, que os ofertou

por sua vez ao Dr. Mendes Correia, os quais estão, actualmente, depositados no Museu de Antropologia do Porto<sup>(11)</sup>. Em 1938 apareceu uma outra cista em Donim, essa, apenas, com um vaso<sup>(12)</sup>.

Tal como referimos anteriormente, quando nos deslocámos ao local, a cista já não se encontrava *in situ*, mas totalmente “desmontada”. Desta forma, a disposição original foi-nos transmitida oralmente por informadores locais, presentes aquando da descoberta<sup>(13)</sup>.

A cista era composta por quatro lajes laterais de cutelo, que formavam uma caixa de planta aproximadamente rectangular e por outra que funcionava como tampa. Todas elas estavam calçadas e ajustadas por pedras de pequenas dimensões. No entanto, só nos foi possível identificar, apenas, quatro das lajes<sup>(14)</sup>.

Geologicamente, as lajes são de granito de grão fino. As suas superfícies são relativamente irregulares e apresentam fracturas recentes, notando-se, no entanto, maior regularidade nas extremidades que assentavam no solo.

As lajes, consideradas longitudinais ou testeiras<sup>(15)</sup>, apresentam uma largura/altura<sup>(16)</sup> aproximada entre si, de c.60 cm (Fig.2 e Est.1.2), enquanto de comprimento variam significativamente entre o da pedra B e os da C e D, o que nos leva a considerar a primeira como longitudinal e as restantes como testeiras.

Quanto à pedra A é muito irregular de superfícies e de contornos, e foi-nos indicada como tampa.

<sup>(6)</sup> Ministério do Ambiente e dos Recursos Naturais — Carta agrícola e florestal. Grandes grupos de utilização do solo, Folha II.1.

<sup>(7)</sup> Agradecemos a sua esposa, D. Maria Inácia Rodrigues o facto de nos ter tornado possível a realização do trabalho, facultando o vaso e espaço na sua casa para o desenharmos.

<sup>(8)</sup> Informação transmitida pelo senhor Mário, condutor da máquina.

<sup>(9)</sup> Ver nota 8.

<sup>(10)</sup> Informaram-nos que, devido ao presente achado, o restaurante iria denominar-se de “Cista”.

<sup>(11)</sup> Maria de Jesus Sanches, Alguns vasos cerâmicos inéditos do Museu de Antropologia do Porto, *Arqueologia* 1 1980, 12-19. Contudo, por falta de indicações precisas quanto à verdadeira localização, a autora implantou-os na Lomba de Coimbró.

<sup>(12)</sup> Informação do Prof. José Baptista, que o identifica como sendo o vaso proveniente do lugar da Portela do Gorgurão da Freguesia das Alturas, segundo Maria de Jesus Sanches, Op. cit..

<sup>(13)</sup> Agradecemos ao Prof. José Baptista todas as informações que nos facilitou e a forma como nos integrou no meio.

<sup>(14)</sup> A máquina ao retirá-las terá destruído uma delas.

<sup>(15)</sup> Classificação incerta devido ao facto das indicações orais não serem firmes.

<sup>(16)</sup> Tivemos em conta a posição vertical das lajes, a partir do lado que nos indicaram como sendo a extremidade que assentava no solo.

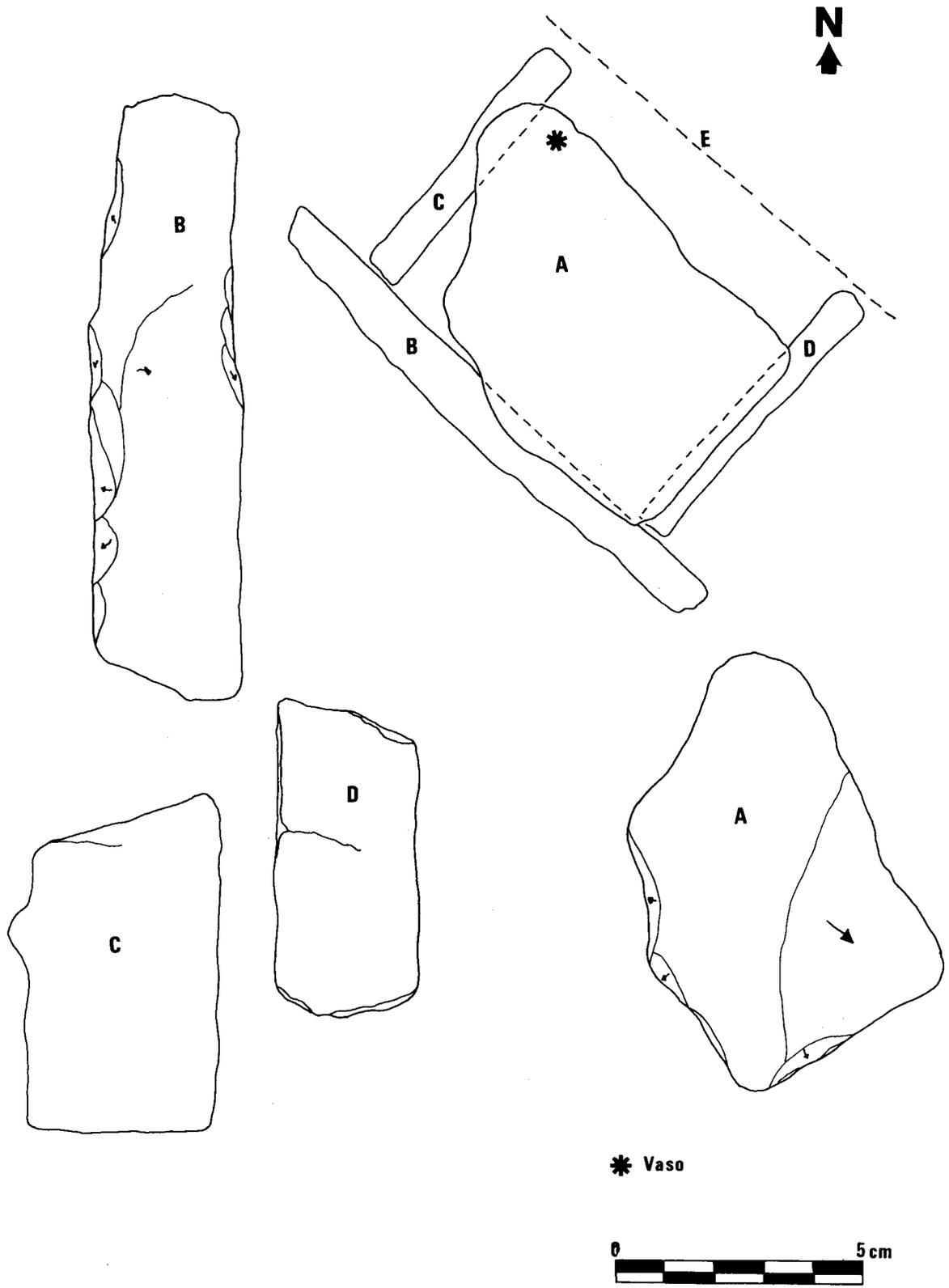


Fig. 2 — Lajes da cista e possível reconstituição.

As dimensões são as seguintes:

Pedra A: Comprimento máximo = 150 cm

Largura máxima = 100 cm

Pedra B: Comprimento máximo = 240 cm

Largura máxima = 60 cm

Pedra C: Comprimento máximo = 130 cm

Largura máxima = 60 cm

Pedra D: Comprimento máximo = 120 cm

Largura máxima = 60 cm

As espessuras máximas variam entre os 10 e os 20 cm.

A observação das lajes e a informação oral permitiu-nos formular possível reconstituição parcial da cista (Fig. 2), faltando identificar uma das lajes. A tampa de cobertura que está fracturada, teria maiores dimensões.

O único espólio desta sepultura constava de um vaso tronco-cônico de perfil irregular, de bordo sub-horizontal, fundo plano pelo exterior e ligeiramente convexo pelo interior. Este vaso tem uma asa lateral vertical em fita larga, de secção rectangular, com canelura longitudinal pela superfície exterior. Esta, está inserida no corpo do vaso provocando um perfil subcôncavo pelo interior, colocada logo a seguir à decoração, até cerca de 5 cm do fundo (Fig. 3, Est. 2.1 e Est. 2.2).

Dimensões:

Altura (medida pelo exterior):

máxima = 18 cm — mínima = 16 cm

Diâmetro da abertura:

Exterior máximo = 24 cm — exterior mínimo = 23 cm

Interior máximo = 22,3 cm — interior mínimo = 21 cm

Espessura do bordo = 0,8 cm

Diâmetro do fundo:

Exterior = 12,4 cm

Interior máximo = 11 cm — interior mínimo = 10,5 cm

Profundidade:

interior máxima = 17 cm — interior mínima = 16,5 cm

Asa:

Largura máxima = 5 cm — mínima = 4 cm

Espessura média da secção = 1 cm

Espessura média da parede = 1 cm

Pasta de textura compacta, acastanhada, com grãos de quartzo de médio e grande calibre e fraca percentagem de mica.

As superfícies internas e externas são alisadas e o fundo interno é rugoso com vestígios ferrosos. Possui grandes manchas negras que se distribuem por todo o interior e exterior do vaso, com maior incidência a partir do meio para a parte inferior do mesmo.

O fabrico é manual.

A decoração é plástica, aplicada a toda a volta do bordo. Compõe-se por vinte e dois mamilos (e mais o lugar de um) e catorze arcos invertidos (e mais o lugar de um), dando no total vinte e três mamilos e quinze arcos. Os arcos dispõem-se por debaixo dos mamilos, unidos entre si pelas extremidades, de secção triangular e decorados por pequenas punções irregulares<sup>(17)</sup>.

Os mamilos estão dispostos em fiada, a uma distância entre si irregular, que varia entre os 0,5 cm e os 2,5 cm, aplicados, ora muito junto ao bordo, ora ligeiramente distantes deste. São de forma circular e de extremidade arredondada com uma espessura diametral que oscila entre 1 e 2 cm.

Por vezes, as aplicações mamilares rematam as extremidades dos arcos ou, então, ficam centrados entre os mesmos.

O estado de conservação do vaso é muito bom, apesar de apresentar duas pequenas fissuras muito leves, junto ao bordo, provavelmente, resultado da mudança de ambiente.

Refira-se que na superfície externa se encontra “incrustada” terra barrenta e na superfície interna são visíveis resíduos de terra preta muito fina.

Os vasos tronco-cônicos e subcilíndricos têm sido alvo de diversos estudos<sup>(18)</sup>, que procu-

<sup>(17)</sup> Mais parecem marcas provocadas por incisão de unha.

<sup>(18)</sup> Maria de Jesus Sanches, Alguns vasos cerâmicos inéditos do Museu de Antropologia do Porto, *Arqueologia* 1 1980, 12-19; Idem, Recipientes cerâmicos da Pré-História Recente do Norte de Portugal, *Arqueologia* 3 1981, 88-98; Idem, Vasos da estação arqueológica do Covilho — Santo Tirso, *Arqueologia* 5 1982, 56-61; A. Bettencourt, A propósito de um vaso tronco-cônico do Museu de Aveiro, *Arqueologia* 5 1989, 40-43; J.C. Senna-Martinez; M. F. S. Garcia e M. J. O. Rosa, Contribuição para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: olaria da Idade do Bronze, *Clio/Arqueologia* 1 1983/84, 105-138; S. O. Jorge, *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves — Vª Pª de Aguiar*, 3 vols., Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, 1986.

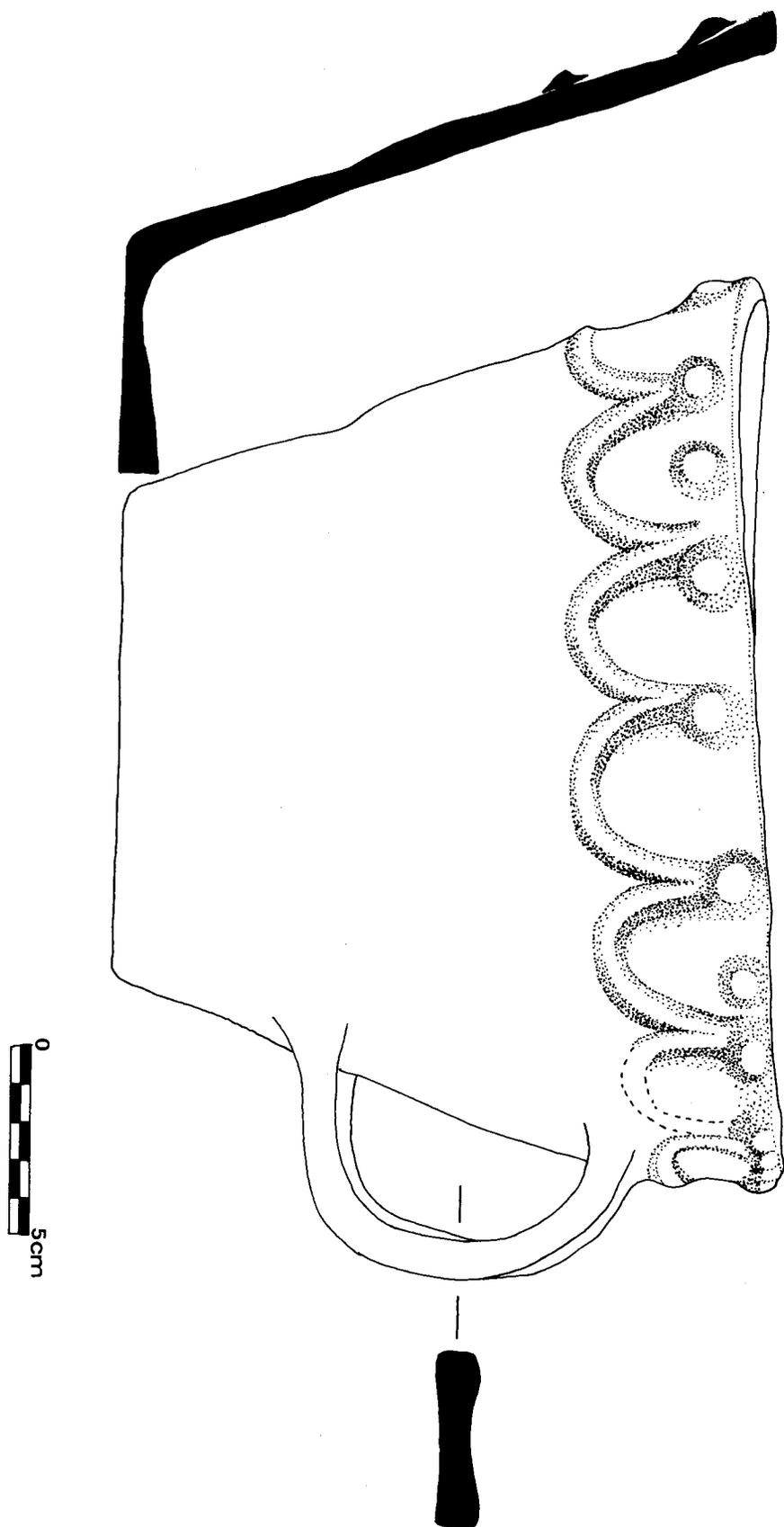


Fig. 3 — Vaso tronco-cônico da Cista do Gorgolão.

ram conhecer os seus contextos arqueológicos, no sentido de compreender a problemática da sua distribuição espacial e inserção cronológico-cultural. De facto, os exemplares conhecidos dentro desta morfotipologia distribuem-se assimetricamente pelo território, cujas presenças se observam no Norte de Portugal (Minho, Douro Litoral e mais raramente em Trás-os-Montes), Beira Alta e Galiza<sup>(19)</sup>, alargando-se, também, para a Estremadura Atlântica e Beira Interior<sup>(20)</sup>. O contexto arqueológico tem sido predominantemente tumular, diversificando-se, contudo, o tipo de arquitectura, que pode manifestar-se em monumentos megalíticos, cistas com ou sem *tumulus* e “cairns”<sup>(21)</sup>. Refira-se, porém, a emergência de registos arqueológicos que assinalam o aparecimento de vasos tronco-cónicos em contextos domésticos<sup>(22)</sup>.

Naturalmente, através da análise dos vários contextos, poder-se-á fazer uma leitura diferente, de acordo com a variabilidade dos atributos morfotipológicos, isto é, pela presença ou ausência de asa e decoração, ou mesmo, mediante a associação a artefactos metálicos, como é o caso da cista de Chã de Arefe (sepultura I)<sup>(23)</sup>.

A ocorrência de vasos tronco-cónicos e subcilíndricos em monumentos megalíticos da Beira Alta<sup>(24)</sup>, correspondente a deposições pos-

teriores aos inícios do IIIº milénio a.C.<sup>(25)</sup>, e, paralelamente, no Norte, em cistas, como Chã de Arefe<sup>(26)</sup> e Anha<sup>(27)</sup>, apontam para novas formas de enterramento que se vão impor durante a Idade do Bronze, o que nos permite enquadrar a cista do Gorgolão na 1ª metade do IIº milénio a.C.

Não temos informações quanto à existência de *tumulus* a cobrir a cista do Gorgolão, mas se o teve deveria ser imperceptível na paisagem. Admitimos, no entanto, pelas suas características arquitectónicas, poder compará-la com a cista de Anha<sup>(28)</sup>, a qual não tinha *tumulus*, tal como a da Chã de Arefe<sup>(29)</sup>.

A cista do Gorgolão teria como prática funerária o ritual de inumação individual, provavelmente, em posição fetal, marcando, claramente, a ruptura dos enterramentos colectivos. Contudo, este monumento funerário fazia parte de uma necrópole<sup>(30)</sup>, à semelhança da necrópole da Chã de Arefe, que era constituída por três sepulturas individualizadas “em núcleos solidários de eventual significado familiar ou de clã”<sup>(31)</sup>.

Este tipo de manifestação, muito embora do foro espiritual, sugere profundas mudanças da realidade social, política e económica no Norte de Portugal.

<sup>(19)</sup> S.O. Jorge, op. cit., Vol.1-B, 1986, 869.

<sup>(20)</sup> J.C. de Senna-Martinez, Duas contribuições arqueométricas para o estudo do Bronze Pleno do Centro e Noroeste de Portugal, *Trabalhos de Arqueologia da EAM* 1 1993, 77-91.

<sup>(21)</sup> *Ibidem*, 870.

<sup>(22)</sup> v.g. J.C. de Senna-Martinez, A ocupação do Bronze Pleno da “Sala 20” do Buraco da Moura de São Romão, *Trabalhos de Arqueologia da EAM* 1 1993, 55-75; *Idem*, Duas contribuições arqueométricas para o estudo do Bronze Pleno do Centro e Noroeste de Portugal, *Trabalhos de Arqueologia da EAM* 1 1993, 77-91 e A.M.S. Bettencourt, Os vasos tronco-cónicos da estação arqueológica do Castelo — Sever do Vouga, *Arqueologia* 18 1988, 99-104.

<sup>(23)</sup> Armando Coelho Ferreira da Silva, *et alii*, A necrópole do bronze inicial da Chã de Arefe (Durrães, Barcelos) - Primeira notícia, *Arquivo do Alto Minho* XXVI 1981, 49-54.

<sup>(24)</sup> Entre os quais destacamos o Dólmen da Sobreda (3 ex.), a Orca dos Juncais (26 ex.), a Orca do Tanque (9 ex.) e a Orca de Forles (3 ex.). cfr. J.C. Senna-Martinez, M. F. S. Garcia e M. J. O. Rosa, *op cit.*, vid. tipo 6 = Vasos Tronco-Cónicos Invertidos, da tabela tipologia.

<sup>(25)</sup> S.O. Jorge, op. cit., Vol.1-B 1986, 875. Apesar de Senna-Martinez enquadrar cronologicamente este tipo cerâmico entre 1500 a 800 a.C.

<sup>(26)</sup> Armando Coelho Ferreira da Silva, *et alii*, op. cit.

<sup>(27)</sup> Eduardo Jorge Lopes Silva e José Augusto T. Maia Marques, Escavação de uma cista em Lordelo (Anha — Viana do Castelo), *Revista de História da Universidade Livre* 1 1984, 51-72.

<sup>(28)</sup> *Ibidem*.

<sup>(29)</sup> Armando Coelho Ferreira da Silva, *et alii*, Pré-História de Portugal, *Universidade Aberta* 57 1993, 254.

<sup>(30)</sup> Ver notas 11 e 12.

<sup>(31)</sup> Armando Coelho Ferreira da Silva, *et alii*, A necrópole do bronze inicial da Chã de Arefe (Durrães, Barcelos) - Primeira notícia, *Arquivo do Alto Minho* XXVI 1981, 54.

Realce-se que, dentro dos testemunhos arqueológicos conhecidos e inseridos neste horizonte cronológico-cultural, o vaso da cista do Gorgolão sobressai quanto às suas dimensões e quanto à sua decoração e composição decorativas, para as quais não conhecemos paralelos. Se atendermos à região do Norte de Portugal, encontramos, apenas, alguns vasos tronco-cónicos decorados com protuberâncias mamilares mas com pouca semelhança estilística<sup>(32)</sup>. A existência, porém, da asa lateral é já um elemen-

to mais comum<sup>(33)</sup>.

Visando a produção dos objectos satisfazer necessidades ou concretizar sentimentos, no caso presente, o vaso do Gorgolão parece representar uma forma especial de expressão simbólica. Destinado a fazer parte de um enterramento funerário este vaso pressupõe o valor especial de oferta a alguém com uma importante posição social no grupo, associado à própria inumação individualizada.

---

<sup>(32)</sup> v.j. Mamoinha da Serra (Vila Chã — Esposende) em F.M. Sarmiento (1933) — *Dispersos*, Coimbra, 1933, 155; Cista da Portela do Gorgurão (Boticas) em Maria de Jesus Sanches, *op. cit.*, 1980; Mamoia 1 de Outeiro dos Gregos em V.O. Jorge, Escavação da mamoia 1 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira, Baião), *Portugália Nova Série*, I 1980, 9-28 e Mamoia 4 de Meninas do Crasto em V.O. Jorge, Escavação das mamoias 2 e 4 de Meninas do Crasto, Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia* 7 1983, 23-29. Outros exemplos poderão ser encontrados em Maria de Jesus Sanches, *op. cit.*, 1981, quadro da pág.95.

<sup>(33)</sup> S.O. Jorge, *op. cit.*, Vol.1-B 1986, 870-874.

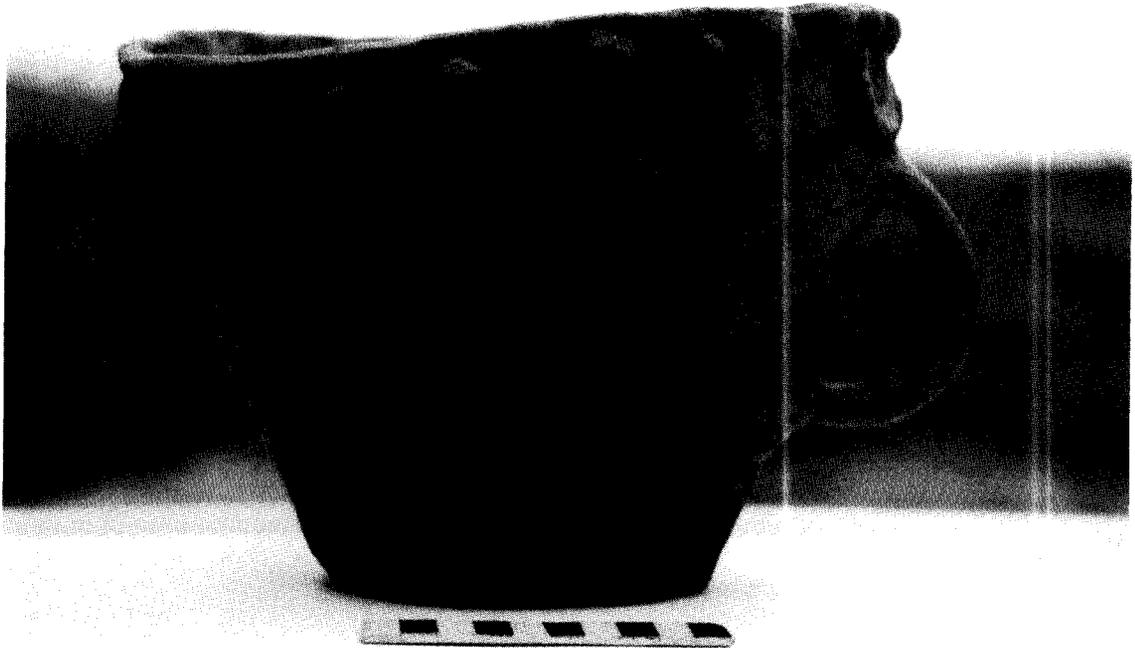


1. Local do aparecimento da cista.



2. Lajes da cista.

Est. 2



1. Vaso tronco-cónico.



2. Vaso tronco-cónico.